

AS MIGRAÇÕES E AS LÍNGUAS, AS RELAÇÕES ENTRE O PORTUGUÊS E O FRANCÊS NA SUÍÇA: UM ESTUDO DO ESPAÇO DE ENUNCIÇÃO

André Stefferson M. Stahlhauer
UEHPOSOL/UFSCar/FAPESP 2010/15546-0
Soeli Maria Schreiber da Silva
UEHPOSOL/UFSCar

Resumo: Devido aos inúmeros movimentos migratórios, a Suíça tem se tornado cada vez mais heterogênea em sua configuração populacional e linguística. Graças aos acordos de livre circulação entre os europeus, à crise político-econômica em Portugal e à crescente oferta de mão de obra, a Suíça tornou-se um bom lugar para os portugueses trabalharem. Eles representam a terceira maior comunidade (de língua) estrangeira neste país, atrás somente dos alemães e italianos. Nosso objetivo nessa discussão é observar os processos enunciativos envolvidos na produção dos sentidos sobre a língua portuguesa em relação às outras da e na Suíça e de seus falantes, enquanto categorias do simbólico. Predicados como “trabalhadores discretos”, os portugueses, as suas falas e as falas sobre eles podem ser notadas em materiais oficiais, produtos alimentícios, slogans e fachadas de lojas e armazéns ou em tantos outros ambientes. Ou seja, fala-se o português na Suíça e tal gesto significa em um espaço já tomado por outras línguas, por outras identidades e divisões sociais.

Abstract: Due to numerous migratory movements, Switzerland has become increasingly heterogeneous in population and language configuration. Because of the free movement across Europe agreement, the political and economic crisis in Portugal along with the increasing of manpower supply, Switzerland has become a good place for Portuguese people opportunities. They are the third largest foreign community (of language) in this country, being found only behind Germans and Italians. Our goal at the present work is to

observe the enunciative processes involved in the production of meanings about the Portuguese language in relation to the other of and from Switzerland and their speakers as symbolic categories. Named as "discrete workers", Portuguese speakers, together with their speeches and the speeches about them can be noted in official materials, food products, and slogans storefronts and warehouses as well as in many other environments. In this way, Portuguese language is spoken in Switzerland, supporting the idea that this is a place already taken by other languages, other identities and social divisions.

1. Introdução

Apresentamos, neste trabalho¹, uma reflexão sobre a relação entre línguas no que estamos considerando como o espaço enunciativo da Suíça. Mostramos como se dá a abertura de um espaço de significação da língua portuguesa na Suíça, a partir da imigração, a fim de entender a configuração da relação entre a língua portuguesa e a língua francesa no espaço de enunciação da Suíça.

Sob a ótica da Semântica do Acontecimento, tal como desenvolvida por Eduardo Guimarães (2002), realizamos um debate sobre as relações entre línguas, que se dão nos enunciados, nossa unidade de análise, das nomeações e das predicções de estabelecimentos comerciais, produtos de supermercados (em rótulos), para poder interpretar como esses processos ressignificam um espaço já afetado por outras línguas, no caso específico desses dados, o francês, uma das línguas oficiais e nacionais na Suíça. Dito de outro modo, interessa-nos o modo como o português (língua e falante) fala nesse espaço-outro. O que se nota é que a partir da imigração, o português aparece afetado, redividido a partir dos agenciamentos desse espaço-outro, para além dos países cuja língua oficial e nacional é a portuguesa, e que essas enunciações em português e francês particularizam o espaço de funcionamento dessa(s) língua(s).

Da imigração, desse movimento, aparecem suas locuções: portugueses que falam, que significam, “dão margens” para outros delineamentos em língua portuguesa. Sua língua os presentifica, mostra que ali eles estão, a falar (ou falando), ou, de certo modo, cedendo a palavra, sendo afetados por outras, em outras línguas, e isso

produz sentidos e os identifica. Pretendemos, com isso, melhor vislumbrar de que maneira se configuram as relações entre as línguas, os seus falantes e seus espaços.

2. O espaço de enunciação da Suíça

Factualmente, no campo da política, a Confederação Helvética² é reconhecida por seu êxito democrático. Relativamente às línguas, segundo François Grin (2000, p. 258-259), há três instrumentos principais da gestão das línguas na Suíça: 1) a territorialidade, 2) a liberdade da língua, 3) a subsidiaridade, que servem de modelo para a sua “repartição” nos cantões. Este modelo que se “*verse et renverse*”³ sobre o unilinguismo ou sobre o monolinguíssimo (GRIN, 1999, p. 259-260) é regulado por uma prática monolíngue, pois é opcional ao cantão o ensino de alemão, a “língua majoritária”, embora o alemão padrão (*Hochdeutsch*) e o inglês sejam ensinados em todo o território.

Sem nos atermos em definições com números e estatísticas exaustivas, o que nos interessa neste espaço de enunciação é sua especificidade: 4 línguas oficiais e nacionais, “repartidas” em 26 cantões. Oficialmente são dezenove cantões germanófonos, quatro cantões francófonos, três bilíngues (francês e alemão), *Valais*, Friburgo e Berna; um cantão trilingue: fala-se italiano, alemão e retoromance nos Grisões. Essas regiões linguísticas mais o último cantão deram origem aos três outros agrupamentos linguísticos que compõem a atual Confederação de Estados: I. Suíça românica, II. Suíça alemã e III. Suíça italiana. Essas são designadas como as três macrorregiões que se caracterizam por suas diferentes constituições linguístico-identitárias:

- I'. A Suíça que fala línguas românicas
- II'. A Suíça que fala alemão
- III'. A Suíça que fala italiano

A identidade da língua coincide com a identidade da região e do território, onde se fala tal ou tal língua. Para além desse funcionamento oficial, outras divisões dessas línguas nos interessam nesses espaços, como os funcionamentos que extrapolam o das línguas

oficiais e nacionais, o que os reorganizam de outro modo, para além de seu funcionamento normativo e oficial.

Devido aos inúmeros movimentos migratórios, a Suíça tem se tornado cada vez mais heterogênea em sua configuração populacional. Devido ao acordo de livre circulação entre os europeus, à “crise político-econômica em Portugal” e à crescente oferta de mão de obra, a Suíça tornou-se um bom lugar para os portugueses trabalharem e migrarem. Predicados como “trabalhadores discretos”⁴, segundo publicações oficiais, eles são “mal integrados”. Os portugueses representam a terceira maior comunidade (de língua) estrangeira neste país, atrás somente dos alemães e italianos, configurando, portanto, a terceira comunidade estrangeira em número e que não “fala” inicialmente uma língua nacional ou oficial da Suíça. A imigração é mais expressiva nas regiões metropolitanas de Zurique, em algumas localidades do cantão do *Valais*, mais precisamente em *Tâsh*⁵, próximo à capital *Zermat* ou na *Romandie*, na Suíça francófona, onde vivem cerca de quarenta mil portugueses. Suas locuções mostram sua presença em inúmeros pontos desses lugares: trens, metrô, banners, fachadas, creperias, padarias, nos produtos de supermercados e, sobretudo, nas cafeterias, guaritas de prédio e nos canteiros de obras. Os portugueses são trabalhadores na Suíça.

O espaço de enunciação, tal como é definido por Guimarães (2002), é um espaço político, no qual se articulam a política e o político. A primeira é a instância do jurídico, da normatividade e o segundo é a contradição dessa normatividade. A tensão que determina o que diz um Locutor afetado por uma língua já recortada por outras significações que definem seus sentidos. Ou seja, falar em português é diferente de falar em francês à medida que esses idiomas identificam falantes, e falar português na Suíça é um gesto político. Nosso trabalho será mostrar como se constitui esse gesto no funcionamento enunciativo.

Em Guimarães (2002, p.13), encontramos explicitada a noção de espaço de enunciação:

[...] são espaços de funcionamento de línguas, que se dividem, redividem, se misturam, desfazem, transformam por uma disputa incessante. São espaços “habitados” por falantes, ou

seja, por sujeitos divididos por seus direitos ao dizer e aos modos de dizer. São espaços constituídos pela equivocidade própria do acontecimento: da deontologia que organiza e distribui papéis, e do conflito, indissociado desta deontologia, que redivide o sensível, os papéis sociais. O espaço de enunciação é um espaço político [...].

O espaço de enunciação tem a ver com o enunciável e o político, com o agenciamento enunciativo: aquilo que se diz, o modo como se diz e quem diz em um espaço afetado por uma política. Dessa maneira, quando falamos do espaço de enunciação da Suíça, estamos nos referindo aos espaços configurados por línguas e falantes de línguas que normativamente se instituem como línguas da Suíça e suas relações com outras línguas. Nesse movimento, delinea-se uma cena enunciativa particular, a das imigrações, em que se delinham os espaços de funcionamento entre o funcionamento das línguas dali e o de outras línguas, a língua do Outro, do estrangeiro. Quando falamos de divisões nos referimos aos falantes e às línguas e suas redivisões no acontecimento da enunciação. Comumente, encontramos as línguas divididas das seguintes maneiras:

Língua materna: é a língua cujos falantes a praticam pelo fato de a sociedade em que se nasce a praticar; nesta medida ela é, em geral, a língua que se representa como (que se apresenta como sendo) primeira para seus falantes.

Língua alheia: é toda língua que não se dá como materna para os falantes em um espaço de enunciação.

Língua franca: é aquela que é praticada por grupos de falantes de línguas maternas diferentes, e que são falantes desta língua para o intercurso comum.

Língua nacional: é a língua de um povo, enquanto língua que o caracteriza, que dá a seus falantes uma relação de pertencimento a este povo.

Língua oficial: é a língua de um Estado, aquela que é obrigatória nas ações do estado, nos seus atos legais.

Língua estrangeira: é a língua cujos falantes são o povo de uma Nação e Estado diferente daquele dos falantes considerados como referência. (GUIMARÃES, 2006, p. 14).

Se as relações entre o português e o francês na Suíça se dão recortadas por estas divisões sobre elas, podemos observar a maneira pela qual elas podem adquirir outras divisões determinadas pela representação do espaço de enunciação, por sua configuração material, através de outros processos de significação, pois, relativamente às definições acima, o espaço de enunciação é o modo de distribuir as línguas que estão em relação.

Qual é o lugar da língua materna para seus falantes, ou o da língua nacional, assim como o da língua oficial, ou ainda o da estrangeira? E esta distribuição é sempre marcada por uma desigualdade politicamente construída. Ou seja, a distribuição dessas línguas para seus falantes constitui uma hierarquia entre elas e atribui um sentido para esta hierarquia. (GUIMARÃES, 2006).

3. A semântica do Acontecimento e os espaços de enunciação da Suíça

Observamos os processos em questão sob a ótica da Semântica da Enunciação, mais precisamente sob o olhar dos conceitos desenvolvidos por Eduardo Guimarães (2002), que estabelecem uma relação entre a linguística e a história e que consistem em observar o funcionamento da enunciação em seu acontecimento.

De acordo com o autor, as línguas funcionam em relação aos seus falantes em espaços afetados por uma política que as re(divide) desigualmente. Desse modo, se fazemos menção às condições de enunciabilidade das línguas envolvidas, mostramos que entre o português e o francês a relação já se dá afetada por uma política que delinea seus espaços de funcionamento de modo específico. É importante ressaltar que, sob esse ponto de vista, esses cruzamentos são observados em sua intersecção, a qual não é vista como um estágio intermediário de aprendizagem, uma interlíngua, mas eles têm

uma forma histórica, significam em processos em que resistências, deslizes, equívocos falam, produzem sentido.

Sendo a enunciação um processo histórico, no sentido materialista, tais processos são constituídos em um embate, sempre tensionado em posições, em interesses pelos modos de acesso à palavra, em que tais produções enunciam de lugares de dizer e de lugares sociais do dizer, fazem injunções ao interpretável, recortam memoráveis, e então, citamos mais uma vez Guimarães (2002), para quem enunciar é estar recortado por temporalidades: a enunciação é assim um recorte do passado, um presente que não se confunde com o tempo na língua, e uma injunção à interpretação.

Essas instâncias têm seus interstícios, suas integrações, em que a movimentação, extremamente rápida, não permite a observação das divisões. Desse modo, pretendemos marcar a divisão, a tensão, a resistência, determinante do sentido no presente do acontecimento, pois o sujeito está agenciado pelo modo como as línguas estão distribuídas nesse espaço de enunciação. O francês é a língua oficial e nacional, e o português, a língua do estrangeiro, do Outro, que não é dali.

Das enunciações aos espaços, os falantes redividem o português e o francês de um modo específico. Esses acontecimentos ressignificam esses espaços: extrapola-se o limite do oficial, do normativo, no sentido de que ali sempre há deslizamentos, movimentações e isso é resultado das relações entre as duas línguas. Do público, no comércio etc., ao privado, se encontram diferentes textos. Em nosso recorte, o português não acontece no âmbito oficial, no âmbito político, e é preciso salientar que o idioma não aparece nas relações oficiais do Estado suíço. Aparece, pois, nas casas portuguesas, em seus restaurantes, nos supermercados, em suas churrascarias, isto é, no comércio e em mídias específicas, jornais dirigidos a portugueses, nas associações portuguesas. Para realizarmos as análises, consideramos os procedimentos de textualidade propostos por Guimarães (2002, 2010, 2011).

4. Cena enunciativa e texto

Um aspecto importante da enunciação é o falante. Para Guimarães (2002, p.18) “só há línguas porque há falantes e só há falantes porque

há línguas”. Essa relação necessária entre falantes e línguas é fundamental para compreender o funcionamento da enunciação, pois é desse modo que emerge a questão do sujeito e da história. É nessa imbricação que se dá o apagamento do lugar social pelo Locutor. “Em outras palavras, o eu do Locutor é o eu que não sabe que fala em uma cena enunciativa. É assim um eu que desconhece que fala de algum lugar” (GUIMARÃES, 2002, p. 25).

A questão da cena enunciativa aqui é o modo como se apresentam os falantes e o modo como a língua se redivide nesse espaço pela relação e pelo cruzamento entre as línguas. Esta é caracterizada por modos de acesso à palavra e, dessa maneira, os modos como os enunciados aparecem inscritos nos textos: sob as formas de fachadas, de banners, de rótulos, de slogans etc., formulados por falantes.

4.1. As operações enunciativas e os procedimentos de análise

Tendo em vista nossa posição teórica e metodológica, na qual se formula a questão da unidade de análise, os enunciados em português e em francês nos rótulos, banners, fachadas, etc., consideramos dois tipos de procedimentos de modo que as relações semânticas de sinonímia, antonímia, hiperonímia, homonímia, ambiguidade e polissemia se dão operadas por eles: a reescrituração e a articulação.

Segundo Guimarães (2007, p.84), a reescrituração é o “procedimento pelo qual a enunciação de um texto rediz insistentemente o que já foi dito fazendo interpretar uma forma como diferente de si”. Este procedimento “atribui (predica) algo ao reescriturado”. Esta reescrituração é o procedimento que coloca em funcionamento uma operação enunciativa fundamental na constituição do sentido de um texto (GUIMARÃES, 2007, p. 84) e esta pode se dar por seis procedimentos: repetição, substituição, eclipse, expansão, condensação e definição, e por seis modos, sinonímia, especificação, desenvolvimento, generalização, totalização e enumeração.

Outro procedimento enunciativo que estabelece relações de sentido entre palavras e expressões é a articulação. Articular é estabelecer uma relação de sentido entre unidades linguísticas em sua contiguidade.

Em virtude do modo como os elementos linguísticos, pelo agenciamento enunciativo, significam sua contiguidade. Ou

seja, a organização das contiguidades linguísticas se dá como uma relação local entre elementos linguísticos, mas também e fundamentalmente por uma relação do Locutor (enquanto falante de um espaço de enunciação) com aquilo que fala. Uma articulação é uma relação de contiguidade significada pela enunciação. (GUIMARÃES, 2009, p. 51)

Conforme Guimarães (*Idem*), a articulação se dá de três modos, por dependência, incidência e coordenação. É em uma coordenação que temos uma enumeração. Para se ter uma enumeração é necessário que entre os itens enumerados haja acumulação, coordenação e contato.

4.2. Em território helvético se fala raclette, rösti, pasta, pizza, leitão e frango

Anúncios, banners, fachadas, produtos (rótulos) do supermercado, nesses suportes, acontecem as enunciações em português e francês: seus produtos, seus ingredientes, seus hábitos, missas em português, inscrevem-se nesse espaço, pois seu falante ali está. A seguir, apresentamos alguns enunciados em que acontecem as relações entre o português e o francês. As análises estão dispostas nas descrições, que se encontram embaixo de cada exemplo, e nas interpretações, colocadas após todas as descrições.

Exemplo 1



Figura 1⁶ – fachada da loja Casa Graça, em Lausanne, Vaud.



Figura 2- Pannel de anúncio da Casa Graça

Enunciado em português:

(A) *Aceitamos encomendas de frangos costelas e leitão todos os domingos*

Enunciado em francês :

(A') *On accepte des commandes de poulet, côte de porc et cochon de lait tous les dimanches.*

Aqui há um enunciado em português e outro em francês que se reescrevem por repetição e sinonímia, em que o falante de português traduz o enunciado para o francês. O locutor-comerciante está dividido pelo dizer em português e pelo dizer em francês.

Na Figura 1, o português aparece com uma tipografia maior, com mais destaque que o francês, numa relação de embate que a hierarquiza.

Exemplo 2



Figura 3 - Placa de anúncio no interior da casa portuguesa, em Friburgo, Suíça.

Enunciado em português:

(b) *CASA CENTRAL*

Enunciado em francês:

(c) *PAIN FRAIS 7/7*

Por estarem justapostos, podemos descrever a relação entre os enunciados (b) e (c) por meio de uma paráfrase (*b.c*) *Casa central vende/vend pain frais/pães frescos 7/7*, que estabelece uma relação de sentido entre os dois enunciados por uma relação de predicação. Há nesse caso dois falantes: o de português em (b), uma nomeação do estabelecimento comercial e em (c), o falante de francês que reescreve o nome do estabelecimento por especificação do produto por expansão.

Exemplo 3



Vitrine de açougue e charcuteria, na Bourdonette, bairro de Lausanne

Enunciado em português:

(d) *Luso Carnes* - nomeação

Enunciado em francês:

(e) *Boucherie-Charcuterie* – especificação e expansão.

Exemplo 4



Figura 5 - Cartão de visitas de churrascaria

Enunciados em português:

(f) *Churrascaria Mondego*

(g) *Fornecemos também em grandes quantidades para casamentos, Batizados, Comunhões, Aniversário, Festas de Fim de Ano e Jantares de Empresas*

Enunciado em francês:

(h). (h1) *Churrascaria Mondego* (h2) *vous remercie de votre fidélité !*

Em (f) e (h) temos enunciações em português. Em (h).(h1) temos enunciações em português e em francês. Nesse caso, (h).(h1) reescreve por repetição em (f) Churrascaria Mondego e predica (f), em francês, em (h2) *vous remercie de votre fidelité*, pelo memorável, os serviços apresentados pelos portugueses.

Exemplo 5



Figura 6 - Produto em Supermercado de Renens – Vaud

Enunciados em português:

(E) *Fula*

(F) *Óleo Alimentar com Aroma natural*

(G) *Contém óleos vegetais refinados*

Enunciado em Francês. Reescrituração do nome por repetição e expansão.

(H) *Fula huile végétale - locutor vendedor*

Temos em (F) uma reescrituração por definição e por expansão do nome Fula (E); e em (G) uma reescrituração por especificação e por desenvolvimento do nome Fula (E).

Nesse sentido, tem-se uma interpretação, uma tradução, dos enunciados (E), (F) e (G) em (H), em português para o francês. Há aí o locutor-vendedor, considerando as figuras da enunciação definidas anteriormente, pois o nome do produto é traduzido para o francês em uma legenda de modo a caracterizar um produto a ser vendido no supermercado.

Exemplo 6

SF PHOTOS
Grand Rue 21 - 2034 Peseux
Tel : 032/730.33.12

*Datas de apresentações
para as fotografias*

Domingo 26 maio a partir das 16h
Domingo 2 junho a partir das 16h
Domingo 9 junho a partir das 16h
Sabado 15 junho a partir das 16h30
Sabado 22 junho a partir das 16h30

As apresentações serão a frente da
Basilica Notre Dame « Igreja Vermelha »
Estaremos presente durante ~2h.

En caso de não poder vir nas datas marquadas, podera
nos telefonar ou passar na loja.

SF PHOTOS
Grand Rue 21
2034 Peseux
Tel :032/730.33.12
079/514.25.86
079/792.89.07
www.sf-photos.ch

Figura 7 – Os cruzamentos entre os falantes de francês e português na suíça

- (I) “*Datas de apresentações para as fotografias*
 (J) *As apresentações serão a frente da Basílica Notre Dame – Igreja Vermelha –*
 (K) *Estaremos presente durante – 2h.*
 (L) *En caso de não poder vir nas datas marcadas, poderá nos telefonar ou passar na loja.”*

Podemos interpretar as relações entre o português e o francês dos enunciados nas seguintes paráfrases:

- (I’) “As apresentações” ~ “les présentations”
 (L’) Em caso de “ausência” ~ (L’) “en cas de ne pas pouvoir venir”

Percebe-se em (I), (J), (K) e (L) o cruzamento entre os falantes das duas línguas nas enunciações em língua francesa e em língua portuguesa. As relações, nesse caso, revelam outra divisão da língua portuguesa-francesa. Nesse movimento, as enunciações se entrecruzam nas duas línguas, inscrevendo-se, na morfologia e na sintaxe entre o português e o francês. Temos os falantes do português nas duas línguas e na mistura das línguas.

Na organização desses espaços temos, então, que as enunciações significam as relações entre o francês e o português: há a representação dos falantes das duas línguas nos enunciados. O que se observa em todos os casos é a operação dos dois falantes nos acontecimentos: o português na nomeação, que identifica os estabelecimentos comerciais: Casa da Graça (Figura 1), Casa Central (Figura 2), Luso carnes (figura 3), Churrascaria Mondego (Figura 4), e o francês nas reescriturações, que determinam o sentido do nome do estabelecimento, como nos acontecimentos (A) à (b), (d), (f) (g), (h) e (i). Esses acontecimentos redividem os falantes e os lugares sociais e colocam o português e o francês em relação no espaço enunciativo da Suíça, de um modo muito específico: o português identifica e o francês determina as nomeações e os sentidos das enunciações em português. O português se diferencia do francês pelo modo como é redistribuído. A língua não aparece, por exemplo, nas placas de aviso,

nem de rua, ou de trânsito (espaço oficial). A relação entre as línguas acontece no supermercado, na churrascaria, nas casas portuguesas (Casa da Graça e Casa Central), nos supermercados (espaços não oficiais). Nesse sentido, falar português e francês nesse espaço significa diferentemente pelo modo como essas línguas, e seus falantes, significam nesses acontecimentos.

Com isso podemos dizer que falar português na Suíça é desestabilizar, tensionar o espaço regulado por suas línguas oficiais e nacionais. É abrir um espaço de locuções para essa outra língua, isto é, um espaço onde se distribui o português. Daí outros processos aparecem: a divisão social e a hierarquização: falar português não significa do mesmo modo que falar japonês ou inglês, pois as duas línguas tanto inscrevem funcionamentos e processos históricos diferentes como inscrevem-se neles. Esses acontecimentos especificam o funcionamento do português e do francês nessa divisão para os falantes portugueses.

Nesses acontecimentos a divisão é particularizada, identificando os comércios, as práticas, as posições que estes portugueses ocupam. Esses espaços mostram diferentes locutores, especificam seus hábitos: os tipos de alimentos que consomem⁷, seus produtos e suas divisões sociais: o churrasqueiro, o açougueiro, a dona de estabelecimento comercial, o supermercado.

Esses enunciados se integram em uma unidade textual maior, a cidade, cujos sentidos se produzem de formas diversas, em que a enunciação significa ainda a re-divisão social: a da proprietária da casa de especialidades portuguesa, a do bucheiro, a do churrasqueiro. Para além da pragmática, para qual o sentido está na intenção do que se diz, no contexto da enunciação, falar, enunciar nessas duas línguas é um gesto político, pois o português desestabiliza e o territorial, o local, estabelece a fronteira entre o que é do local e o que é o diferente. E nesse sentido, os nomes dos estabelecimentos comerciais funcionam como um modo de significá-los a fim de que possam ser referidos tanto por seus proprietários quanto por seus fregueses (GUIMARÃES, 2003, p. 24).

Em termos enunciativos, Guimarães (2003) define a cidade como a transformação de uma geografia em um espaço social, “esta prática de sujeitos tem como elemento fundamental que ela se produz a partir de

significações e assim produz significações” (GUIMARÃES 2003, p.20). Nesse sentido, entendemos a cidade nesse contínuo de significações, que em seu aspecto simbólico instaura modos de integração textual particulares, nos quais os textos significam uns em relação aos outros. O urbano se caracteriza pela concomitância entre essas temporalidades e os espaços de enunciação. Sendo assim, diferentes procedimentos textuais ocorrem ali: da circulação de um panfleto em português e francês, uma vitrine em português e francês, um rótulo de supermercado etc. E é neste espaço/tempo que emerge a questão do imigrante, pois o acontecimento enunciativo de um enunciado em português ressignifica o imaginário sobre o falante de português que ali vive, mas que não é dali: que ali trabalha, que ali não se integra⁸.

Nesse sentido, a configuração das cenas enunciativas pelo modo como o falante é afetado por uma e/ou outra língua, e como o acontecimento o redivide em locutor, predicado pelo lugar social, aquele que fala e o “para quem fala” (*Ibidem*), coloca a questão da língua (se português e/ou francês) como questão fundamental para a produção do sentido, para muito além do contexto de uso e do convencimento a partir das relações de comércio e de venda, à priori. Estas observações são importantes à medida que a enunciação dessas línguas por esses falantes não é um ato consciente, de “uso dessas formas”, para o comércio dos produtos. De nossa posição, a enunciação dos nomes dos estabelecimentos comerciais (o texto de propaganda), interessa à medida que, nesses casos, mobiliza língua e falantes e suas divisões na e pela língua que falam. As cenas conferem delineamento aos espaços de enunciação.

Na tensão que distribui o dizer, é o francês que recorta, nas cenas em questão, os locutores de modo a significar em um espaço que lhe é de direito. Já o português significa pela identificação com o que não é dali, com o que é estrangeiro. Falar francês e português nessas cenas significa justamente a heterogeneidade desse espaço. Espaço povoado por falantes das duas línguas em que uma significa a língua oficial, do local, e a outra, uma língua de imigração, estrangeira à medida que, oficialmente, ela não é desse lugar. Nesse sentido, falar português e francês significa esse espaço diferentemente, dado a história de seus processos. Esse funcionamento da enunciação identifica o português

(povo-falante-língua), mesmo não sendo a língua oficial dos cantões, mesmo que não faça parte da normatividade que assegure, legitime, os espaços distribuídos para as línguas na Suíça.

Há sempre uma tensão entre falar uma língua ou outra. Para além de somente uma questão de pronúncia, sotaque ou acento, falar português identifica. Coloca falantes, figuras da enunciação (na e pela língua: portuguesa ou francesa) em relação. Ora se fala do lugar de uma normatividade, ora se extrapola, ora se negligencia. No acontecimento dos nomes de lojas colocados na sua fachada e de suas predicções e especificações, em que se redividem língua e falante de português e de francês, tal como o Outro e o eu (comum, do local, dali). É desse modo que o português vai funcionando na relação com o francês, num embate e numa redivisão das línguas no espaço de enunciação.

5. Algumas considerações

Falar português na Suíça é a afirmação, é desestabilizar, tensionar o espaço regulado por suas línguas oficiais e nacionais. É abrir um espaço de locuções para essa outra língua. Daí outros processos aparecem: a divisão social e a hierarquização. Falar português não significa do mesmo modo que falar japonês ou inglês, pois as duas línguas (se) inscrevem (em) identidades e processos históricos diferentes. Há, então, uma questão de identidade da língua que se põe nesse espaço de enunciação e que não se torna visível na normatividade, no modo de repartir e distribuir as línguas na Suíça. Falar português é então, falar uma língua de imigrante.

Pelas paráfrases das enunciações no espaço enunciativo, temos funcionamentos que o particularizam, mostram diferentes falantes e locutores, especificam seus hábitos: os tipos de alimentos que consomem, seus produtos e suas divisões sociais: o churrasqueiro, o açougueiro, a dona de estabelecimento comercial, o vendedor do supermercado. Estabelecem, assim, seus modos de serem identificados. Nesse sentido, estamos mostrando como se constitui o falante português nesse espaço. As reescriturações nas especificações por tradução são construídas a partir dessas Locuções nessas duas línguas, determinadas por esse espaço de enunciação.

A discussão acerca da diferença na distribuição do espaço de enunciação mostra a disparidade nas relações entre línguas, que se dão nos seus acontecimentos e reorganizam o real: o oficial agencia o modo como se fala sobre as línguas determinado pelas diferentes temporalidades que significam os enunciados sobre o português e o francês. Temos então que o oficial significa diferentemente nesses dois espaços/tempos diferentes, que configuram textualidades diferentes, pelo modo como os memoráveis recortam os acontecimentos, nos modos de enunciar dos locutores e enunciadores. Mobilizam-se aí Estado, nas locuções em língua francesa, o estrangeiro-imigrante/locutor, falante de português e francês, nas cenas que colocam as duas línguas em relação. Nota-se, então, que o oficial e o nacional agenciam os falantes nos modos de enunciar, pois as línguas significam em textos diferentes: o francês como língua de especificação e o português como língua de nomeação. Nesse sentido, a produção dos sentidos em língua portuguesa, em um espaço da língua francesa, em que a língua oficial e nacional se põe como uma normatividade.

Portanto, pode-se notar, por meio dos recortes, que também se fala português na Suíça, embora esta não seja uma língua oficial ou nacional ali. Para deixar a problemática em aberto, ainda outra questão pode ser levantada dessas análises relativamente ao espaço de enunciação e da relação entre línguas na Suíça, sobre o que significa predicar o português por sua “discrição” à medida que ali eles estão a falar em espaços públicos, especificamente no comércio. Vemos que o funcionamento do português na Suíça se dá nas mais variadas localidades⁹, como pudemos mostrar no espaço público, e que seu funcionamento não se concentra em um lugar específico, ou seja, em um bairro de imigrantes, por exemplo, mas distribuído em diferentes lugares da cidade.

Referências

CONFEDERATION SUISSE. *Langues*. Disponível em: <https://www.eda.admin.ch/aboutswitzerland/fr/home.html>. Acesso em 29/09/2015.

FIBBI et al. (2010). *Les Portugais en Suisse*. Office fédéral des migrations (ODM). Quellenweg 6, CH-3003 Bern-Wabern.

GRIN, François (1999). Gestion « à la Suisse » de la diversité linguistique : un succès menacé par l'économie. In : H. Guillorel et G. Koubi. *Langues et Droits*. Bruxelles: Bruylant.

GUIMARÃES, E. (2002). *Semântica do Acontecimento*: um estudo enunciativo da designação. Campinas: Pontes.

_____. (2003). A marca do nome. *RUA* (online), n. 9.

_____. (2011). *Análise de texto*: procedimentos, análises, ensino. Campinas: RG.

ORLANDI, E. (2009). *Língua Brasileira e Outras Histórias*. Campinas: RG.

_____. et alii (org) (1998). L'hyperlangue brésilienne. *Langages*, nº130, Larousse, Paris.

_____. (2002). *Língua e Conhecimento Linguístico*, São Paulo, Cortez.

_____. (2012). Espaços Linguísticos e seus desafios: convergências e divergências. In: *RUA* (online), n. 18, vol.2.

SÉRIOT, P. : "La linguistique spontanée des traceurs de frontières". In : P. Sériot (éd.): *Langue et nation en Europe centrale et orientale, du 18ème siècle à nos jours*, Cahiers de l'ILSL (Univ. de Lausanne), nº 8, 1996, p. 277-304.

_____. "Faut-il que les langues aient un nom? Le cas du macédonien". In : Andrée Tabouret-Keller (éd.). *Le nom des langues. L'enjeu de la nomination des langues*, vol. 1, Louvain: Peeters, 1997, p. 167-190.

STAHLHAUER, André Stefferson M. (2014). *A Representação de línguas no ciberespaço: um funcionamento enunciativo na contemporaneidade*. Tese (Doutorado). Universidade Federal de São Carlos. São Carlos.

THOELE, A. (2012). O vilarejo suíço em que se fala português. *Swissinfo.ch*. Disponível em: <http://www.swissinfo.ch/por/o-vilarejo-su%C3%AD%C3%A7o-em-que-sefalaportugu%C3%AAs/31991198>. Acesso em 01/10/2015.

Palavras-chave: português, francês, espaço de enunciação, imigrantes.

Keywords: portuguese, french, space of enunciation, immigrants.

Notas

¹ A reflexão sobre a imigração (da língua) portuguesa na Suíça teve início em 2013, durante o desenvolvimento da pesquisa as Línguas na Suíça: o lugar do português, realizada na *Université de Lausanne, Vaud* - Suíça, e faz parte de um projeto maior denominado *Representations des Langues dans sites officiels: un discours sur la langue*, com direção do prof. Patrick Sériot, e com financiamento da FAPESP (2012/03603-5 e 2010/15546-0). As duas pesquisas compõem a tese de doutoramento *A representação de línguas no ciberespaço: um funcionamento enunciativo na contemporaneidade*, defendida na UFSCar, em 2014, orientada pela Profa. Dra. Soeli Maria Schreiber da Silva.

² O nome oficial da Suíça.

³ Tradução nossa, vira-se e inverte-se.

⁴ Fibbi et al (2010: p. 76, 90, 95).

⁵ Segundo a reportagem de Alexandre Thoele, O vilarejo Suíço em que se fala português, as crianças aprendem a cantar *Noite feliz* antes de saber cantar a música em alemão.

⁶ Fonte de todas as imagens: arquivo nosso.

⁷ Que significam no modo como são alocutados nos textos, nos tipos de produtos, em seus nomes, etc.

⁸ Segundo Fibbi et al (2010), os portugueses não se integram, pois vão para a Suíça para trabalhar, juntar dinheiro e voltar para Portugal.

⁹ Vale dizer que há programas oficiais de ensino de português, língua de herança, promovido pelo Instituto Camões e mantidos pelas embaixadas portuguesas, cujo o foco é o ensino de conteúdos (em português), para filhos de imigrantes em idade escolar.